

AS MULHERES ENTRE O PODER E A RESISTÊNCIA: DISCURSO, HISTÓRIA E ACONTECIMENTO

WOMEN BETWEEN POWER AND RESISTANCE: SPEECH, HISTORY AND EVENT

*Lúcia Helena Medeiros**
*Regina Baracuhyy***

RESUMO: Neste trabalho de pesquisa, procura-se fazer uma reflexão no sentido de conhecer, descrever e interpretar os movimentos da memória na incansável e inquietante luta das mulheres na conquista por seus direitos e na relação com o sexo oposto. É percorrendo a história, trazendo de volta a memória e o acontecimento discursivo “movimento feminista”, que se compreenderão as mudanças desencadeadas, as transformações identitárias do sujeito mulher em sua busca pela independência, pela liberdade, por um espaço público, nessa sociedade contemporânea.

PALAVRAS-CHAVE: discurso, acontecimento, história, memória, mulher.

ABSTRACT: This article seeks to make a reflection in order to learn, describe and interpret the movements of memory in the tireless and concerning women’s fight for the conquest of their rights, and in the relationship with the opposite sex. It is throughout history, bringing back the memory and the discursive event “feminist movement”, that the changes set in motion, the transformation of the individual woman’s identity in their quest for independence, for freedom, for a public space in this contemporary society will be apprehended.

KEYWORDS: speech, event, history, memory, woman.

* Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (Uern), Mossoró, Estado do Rio Grande do Norte, Brasil. Professora do Departamento de Letras Vernáculas (DLV). Mestre em Linguística e doutoranda pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Pesquisadora CNPq. E-mail: luciahelenamct@hotmail.com.

** Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa, Estado da Paraíba, Brasil. Docente do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp). E-mail: mrbaracuhyy@uol.com.br.

AS MULHERES ENTRE O PODER E A RESISTÊNCIA: DISCURSO, HISTÓRIA E ACONTECIMENTO

1. A relação entre discurso, sujeito e história

O discurso tem seu funcionamento, suas regularidades, que se liga ao social e ao histórico. Sendo assim, no funcionamento da linguagem, dá-se a produção de sentidos e a constituição do sujeito, pois ambos são afetados pela língua e pela história. O sentido, para Charaudeau, nunca vem antecipadamente, “ele é construído pela ação linguageira do homem em situação de troca social. O sentido só é perceptível através de formas. Toda forma remete a sentido, todo sentido remete a forma, numa relação de solidariedade recíproca” (2006: 41). Isso acontece quando o sujeito produz um ato de linguagem, uma forma de dizer. Pode-se ressaltar, então, que “as relações de linguagem são relações de sujeitos e de sentidos e seus efeitos são múltiplos e variados” (ORLANDI, 2005: 21). Esses efeitos de sentidos emanam de dizeres que estão em uma prática discursiva, a qual vai compreender o sujeito, a situação, a história e a memória.

Foucault, em *A Ordem do Discurso*, coloca que, nas sociedades, há regularmente um desnivelamento de circulação e fixação entre os discursos, pois alguns

passam com o ato mesmo que os pronunciou; e os discursos que estão na origem de certo número de atos novos de fala que os retomam, os transformam ou falam

deles, ou seja, os discursos que, indefinidamente, para além de sua formulação, são ditos, permanecem ditos e estão ainda por dizer (2006: 22).

Estes últimos, de que trata a citação, são os chamados discursos fundadores. São aqueles incessantemente repetidos em dada sociedade, como o jurídico, o religioso e alguns textos do discurso literário. Atualmente, também seria incluído o discurso midiático, pois nele vê-se a repetição, a transformação, a retomada de certos discursos que criam identidades culturais. Como coloca Foucault, “o novo não está no que é dito, mas no acontecimento de sua volta” (2006: 26).

Ele afirma também que

é preciso estar pronto para acolher cada momento do discurso em sua irrupção de acontecimentos, nessa pontualidade em que aparece e nessa dispersão temporal que lhe permite ser repetido, sabido, esquecido, transformado, apagado até nos menores traços, escondido bem longe de todos os olhares, na poeira dos livros (2007: 28).

É assim que encontraremos, no decorrer deste trabalho, os discursos repetidos, transformados, silenciados, historicizados por uma memória que se reatualiza por meio da mídia, neste caso, por meio da revista *Claudia*. Os discursos proferidos na matéria analisada enfocam o acontecimento que mudou a vida das mulheres, é o acontecimento “movimento feminista”. E falar em acontecimento, neste artigo, é fundamental, pois é em decorrência dos acontecimentos que surgem os mais variados textos, inclusive os midiáticos.

A noção de acontecimento é fundamental para os estudos em Análise do Discurso por sua relação com a história e, conseqüentemente, com a memória.

Para Possenti, o acontecimento é algo inesperado ou espetacular e pode ser caracterizado “como o que foge à estrutura, ou a uma rede causal” (2006: 93). Pensando na ruptura dos discursos e em sua dispersão, “Foucault propõe entender os acontecimentos discursivos que possibilitaram o estabelecimento e a cristalização de certos objetos em nossa cultura” (GREGOLIN, 2004: 88). Para isso, é preciso visitar o arquivo e a memória, no sentido de compreender o surgimento de certos enunciados, em determinada época, em determinado lugar, além da dispersão e da constituição desse sujeito contemporâneo.

Para Authier-Revuz (1982), o sujeito discursivo, em sua heterogeneidade, é disperso, descentrado, dividido. E sendo também um efeito de linguagem, é um sujeito constituído por muitas vozes sociais, as quais são resgatadas e retomadas no discurso midiático. Nos enunciados, nas palavras, escritas ou oralizadas, que são repetidas nesses discursos, aparecem os vestígios de memória, prontos para fazer parte e, de alguma forma, contribuir com a história.

2. O acontecimento “movimento feminista”

O discurso do feminismo surge contrapondo-se ao machismo pregado culturalmente nas sociedades patriarcais, as quais oprimem, subjagam e comandam o gênero feminino. Esse discurso que começa a manifestar as resistências ao poder sobre as mulheres, segundo a Wikipedia,¹ se caracteriza como

um discurso intelectual, filosófico e político que tem como meta direitos equânimes e uma vivência humana liberta de padrões opressores baseados em normas de gênero. Envolve diversos movimentos, teorias e filosofias, advogando pela igualdade para homens e mulheres, e a campanha pelos direitos das mulheres e seus interesses.

Na tentativa de libertação desses padrões opressores que se baseiam na desigualdade entre homens e mulheres e, em contraposição, a fim de alcançar direitos iguais entre os gêneros, surge o movimento feminista.

Esse movimento atua de forma mais marcante em três épocas distintas, chamadas de “ondas”. A primeira fase de manifestação, ou primeira onda, se dá ainda no século XIX, seguindo até o início do século XX. Nessa época, o foco da resistência se dava, de maneira mais resignada, na igualdade de direitos entre os gêneros ao escolherem livremente seus cônjuges, sem que a mulher continuasse a ser vista como propriedade do marido, o qual obtinha sobre ela e os filhos plenos poderes, inclusive sobre a vida e a morte (principalmente no caso de adultério feminino).

A luta se dava também pela obtenção do direito de a mulher poder ser proprietária de seus bens materiais herdados ou adquiridos e, por fim, dava-se também a luta por direitos políticos. A mulher começava a reivindicar o poder do voto, o qual só era dado aos homens, até o final da segunda década do século XX.

¹ Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Feminismo>>. Acesso em: 3 mar. 2011.

A segunda fase/onda do movimento feminista se dá entre as décadas de 60-80, do século XX. Nessa época, o movimento feminista se preocupa com os direitos de igualdade entre os sexos e com o fim da discriminação contra a mulher, seja em casa, na rua, no trabalho. Havia desigualdades políticas, sociais e culturais que precisavam ser revistas e abolidas. As mulheres não apenas precisavam ser politizadas, como também precisavam refletir mais sobre as estruturas do poder exercido nas sociedades.

Outra fase/onda do movimento feminista, que surge nos anos 1990 e dura até hoje (século XXI), busca manter os direitos já conquistados e luta por causas como o respeito às diferenças raciais, o fim da violência doméstica, a liberação do aborto e a implantação e/ou melhoria de leis trabalhistas e judiciárias que beneficiem a mulher, além de objetivar, já neste século, maiores direitos para as mulheres do Oriente.

O movimento feminista pode ser dado historicamente como o acontecimento que muda a vida da mulher. É um acontecimento discursivo, porque se trata de fatos repetidos incansavelmente na mídia e que produzem sentidos que mudam a história. Como coloca Guilhaumou, “a acontecimentalidade engendra sentidos” (2009: 123).

Para melhor entender como se dá a noção de acontecimento, serão retomadas aqui algumas teorias desse pesquisador, em sua obra *Linguística e História*. Nessa obra, Guilhaumou (2009) dá definições sobre o que seria o acontecimento discursivo, sem deixar de abordar o acontecimento linguístico. Este último, para o autor, estaria mais ligado às estruturas da língua empírica.

No interior desse acontecimento, há elementos cognitivos produtores de sentidos e “esses verdadeiros elementos constituem esquemas intermediários entre os dados da língua empírica e as categorias da língua abstrata” (GUILHAUMOU, 2009: 41). Nesse tipo de acontecimento, há um interesse maior na norma referencial da língua, nos sujeitos e nos objetos cognitivos.

Diferentemente do acontecimento linguístico, o acontecimento discursivo leva em consideração também o externo à língua, os enunciados e a leitura do arquivo, pois se começa a perceber linguisticamente que estudar a estrutura não é suficiente para se compreender as práticas discursivas que surgem nas sociedades.

Guilhaumou pontua que

sáimos do mundo dos nomes e de seus referentes para entrar no universo da reflexividade do discurso, dos recursos próprios dos sujeitos da enunciação

implicados no acontecimento. Interessamo-nos, prioritariamente, pelos sujeitos, objetos e conceitos assim como por funções derivadas do enunciado (2009: 124).

Dessa maneira, os elementos descritivos e os elementos reflexivos tornam-se inseparáveis. Não é necessário passar por uma descrição de frases, em seu uso normativo da língua, para se chegar à compreensão dos sentidos que ocorrem a partir do que é dito. O acontecimento linguístico se dá “no interior de um continuum espaço/tempo” (GUILHAUMOU, 2009: 131). O acontecimento discursivo deixa as segmentações “duras” ou “hards” para entrar em um espaço menos visível, e “a reflexividade da linguagem, isto é, sua capacidade para produzir, ela mesma, seus recursos interpretativos, constitui o próprio do acontecimento discursivo” (GUILHAUMOU, 2009: 131), pois o referente linguístico funciona apenas como regulador do concreto discursivo. É com esse tipo de acontecimento que o historiador deve trabalhar, pois é nele, no acontecimento discursivo, que os sujeitos da enunciação produzem seus enunciados dentro de uma conjuntura histórica, refletem sobre o que é dito, formulando julgamentos a partir dos argumentos que são colocados nesses enunciados. Deve ser visto então “o sujeito irrompido na enunciação do acontecimento, do protagonista ao porta-voz. Devemos igualmente ter em conta o sujeito histórico portador de emancipação, em busca, portanto, de autonomia” (GUILHAUMOU, 2009: 135).

Dessa forma, a narração do acontecimento produz a historicidade, produzindo, então, sentidos e interpretações sobre o passado, o presente e o futuro. E isto pode ser visto, por exemplo, nos textos que se materializam e circulam pela mídia.

3. O feminismo no século XXI: (re)atualização de um acontecimento histórico

Para melhor entender como se dá e repercute um acontecimento, será observada a ação do sujeito na matéria abaixo, publicada na revista *Claudia*, em março de 2009, mês comemorativo do Dia da Mulher.

A matéria discursiva retoma a história e a memória sobre o movimento feminista (re)atualizando-o na narração dos acontecimentos históricos e apresentando um sujeito que se subjetiva ao assumir-se feminista, em pleno século XXI.

Figura 1: Revista Claudia – março de 2009



Na matéria “Hello, esta conversa é com você!” – em homenagem ao Dia Internacional da Mulher –, Claudia traz a história e a memória em seu discurso sobre a verdade do feminismo. Tentando desfazer os mitos que circundam o feminismo, a revista faz um jogo discursivo usando as expressões “É Mentira” e “É Verdade”, para esclarecer o que significa ser feminista e qual a importância de ser feminista hoje.

Introduzindo a conversa com suas leitoras, a revista visita a memória coletiva quanto aos feitos daquelas que se disseram feministas e o foram até o fim. Vejamos alguns trechos dessa matéria: “Faz pouco tempo, um grupo de mulheres bacanas quebrou preconceitos, enfrentou a polícia, o Estado, a Igreja, mudou as leis e a sociedade. Muitas empenharam nessa luta a própria vida. São as feministas” (CLAUDIA, mar. 2009: 50).

A revista mostra em seu texto a importância do movimento para as conquistas femininas. Traz também a memória sobre o que significou esse movimento de resistência, o qual precisou se deparar contraditoriamente, não só com um, mas com todos os aparelhos ideológicos (ALTHUSSER, 2003), como a família, a igreja, a escola, a sociedade como um todo. Isto se tornou necessário, pois, como diz Foucault, o poder está em todos os lugares e era

contra as formas autoritárias de alguns desses poderes que o movimento de mulheres se colocava, porque deles vinham as regras, os mecanismos de controle e a disciplina destinada às mulheres.

A posição sujeito assumida pela revista é de defensora daquelas que lutaram pelos nossos direitos. No texto, pode-se observar a imagem de uma mão feminina jogando ao lixo vários *bottons* com o enunciado “Eu sou feminista”.

Quais sentidos podem ser extraídos de tal imagem? Os sentidos não estão apenas na materialidade verbal, mas na imagem como um todo. Por que o lixo? Estaria o movimento feminista fadado ao esquecimento? É exatamente neste ponto que *Claudia* quer tocar. Na imagem em pauta, há um jogo da história com a língua, podendo ser encontrado o equívoco.

A matéria, que parece ser direcionada, com maior exclusividade, àquelas jovens que acreditam não haver mais motivos para tantas reivindicações femininas, traz várias vozes de autoridade no assunto. E essas vozes é que vão esclarecer, no decorrer do texto de quatro páginas, porque o rótulo de feminista deve ser assumido pelas mulheres. Percebe-se que muitas jovens de 15, 20 anos não entendem o verdadeiro sentido do feminismo, pois, para elas, a sociedade foi bem menos cruel e o estereótipo de feminista criado socialmente contribui bastante para essa falta de adesão de nossas jovens a esses movimentos de resistência.

Na tentativa de esclarecer melhor essa temática e de desfazer os mitos criados, a revista em questão, pela voz de feministas de várias gerações, materializa uma “vontade de verdade” ao enunciar o que é ou não verdadeiro.

1. É Mentira

Já vencemos todas as batalhas

Não mesmo. Voltemos a 1988: o feminismo marcou um gol com o chamado *lobby* do batom, que levou os parlamentares a incluírem na Constituição direitos iguais aos dos homens para nós.

“Mas esse avanço não basta” (Valéria Pandjarian – advogada: 52).

[...] em 2006, conseguimos aprovar a Lei Maria da Penha, mas ainda não dá para cruzar os braços (p. 52).

“Toda conquista tem de ser sustentada” (Sílvia Pimentel – membro da ONU: 52).

“[...] como não precisamos mais brigar pelo direito de votar [...] devemos batalhar para que as mulheres ocupem mais cadeiras no Congresso, governos estaduais e prefeituras” (Latoya Guimarães – estudante de Economia: 52).

2. É Mentira

A mulher não sofre discriminação

[...] as jovens que deslancham na carreira não vêem a discriminação que o feminismo aponta [...] (p. 52).

“Elas vivem num ambiente onde há cada vez menos barreiras para o crescimento profissional desde que estejam dispostas a trabalhar como homens [...]” (Alison Wolf – filósofa e economista: 52)

3. É Mentira

Feministas são feias e mal-amadas

[...] uma minoria que produziu uma espécie de machismo ao contrário. Vem daí a distorcida imagem das feministas como mulheres mal-amadas, radicais, raivosas, anti-homem (p. 52).

4. É Mentira

O feminismo só sobrecarregou a mulher

Há a crença de que a liberação da mulher levou-a a acumular papéis, colocando sobre seus ombros uma carga pesada demais. Nossa entrada no mercado de trabalho é definitiva, mas continua necessário brigar para não sermos as únicas responsáveis pelas tarefas de casa (p. 52, 53).

“Para trabalhar em igualdade de condições temos que começar questionando qual é a atuação do nosso parceiro na família” (Sílvia Pimentel: 53).

Em contraposição aparece:

É Verdade

O feminismo só lida com temas tabus

Sim. As questões com as quais o feminismo trabalha envolvem assuntos duros, como aborto, direitos reprodutivos, homossexualidade, prostituição, pedofilia e até a mercantilização do corpo da mulher, que impõe um padrão de beleza (p.53).

“O feminismo levanta a bandeira daquilo que a sociedade não quer falar e produz transformações” (Valéria Pandjarian – advogada: 3).

Nos quatro pontos debatidos pela revista como “mitos”, percebe-se a necessidade de continuação do movimento feminista também na contemporaneidade, pois para cada batalha vencida parece haver uma luta ainda maior

a ser travada. Isto fica bem claro no enunciado que fala sobre a conquista da Lei Maria da Penha, “mas ainda não dá para cruzar os braços”, basta ver a quantidade de mulheres que sofre com a violência doméstica.

Quanto ao direito ao voto, pode-se dizer que o Brasil deu um grande passo elegendo, em 2010, uma mulher para presidente da República – fato ainda não acontecido na época da publicação da matéria –, porém ainda é necessário mais mulheres no Congresso, no poder, para se fazer garantir os nossos direitos. Afinal, é na política que melhor se vê o poder que Foucault chama de *governo*. A esse respeito, diz ele:

são as táticas de governo que permitem definir a cada instante o que deve ou não competir ao Estado, o que é público ou privado, o que é ou não estatal, etc. Portanto o Estado, em sua sobrevivência e em seus limites, deve ser compreendido a partir das táticas gerais da governamentalidade (2008: 292).

No comando dessas “táticas” para governar o Brasil, encontra-se hoje uma mulher. Graças às lutas travadas durante as últimas décadas, o poder no governo muda de gênero. O governo do Estado, o poder de decisão, fica nas mãos de uma mulher.

Claro que esse governo hoje não tem mais o poder soberano, pois precisa do apoio de outros(as) para fazer valer o que precisa ser votado. Mas pode-se dizer que, do privado ao público, em praticamente 80 anos, desde o primeiro voto feminino, essa é uma grande vitória das mulheres.

No segundo ponto, percebe-se que boa parte das mulheres mais jovens deixa passar despercebidas essas lutas, as quais foram e são tão necessárias. Na materialidade linguística, aparece uma acusação sobre a forma natural como a juventude encara o papel que a mulher exerce hoje profissionalmente. Elas, as jovens, não têm consciência do quanto são cobradas e vigiadas para que tornem digno o lugar ocupado. Essas jovens agem como se tudo tivesse sido sempre assim, de “fácil” acesso às mulheres.

Quanto ao estereótipo feminista visto por muitas dessas jovens e mesmo por outras mulheres e homens de gerações mais antigas, pode-se dizer que há uma distorção nessa imagem gravada por uma memória coletiva. Isso mostra o quanto se pode ter conhecimentos tão superficiais de coisas tão relevantes. O que se esquece é que esse estereótipo de feminista “anti-homem” foi gerado por ações de uma minoria de feministas, em outras épocas.

Mas como pode a mulher da resistência ser “anti-homem”? Não se pode generalizar, pois foi o homem quem votou para que a mulher fizesse o mesmo, foi o homem quem assinou as leis trabalhistas e jurídicas que beneficiam a mulher, nos mais diversos aspectos, para que fossem iguais perante a lei.

As batalhas travadas pelas mulheres tiveram apoio masculino, vale dizer, de homens que amam e que respeitam as mulheres. Portanto, eles foram e continuam sendo os grandes aliados na luta pela igualdade – veja o apoio de Lula da Silva, ex-presidente, à Dilma Rousseff, presidenta atual.

Pode-se dizer, então, que o estereótipo da feminista citado no terceiro ponto debatido na matéria é bem diferente do que se pode ver hoje. Observemos a fala de Tamara Amoroso, 25 anos, que atua no Comitê Latino-Americano do Caribe para a Defesa dos Direitos da Mulher (Cladem): “Tenho tipo delicado, adoro cor-de-rosa, uma figura que ninguém associa ao estereótipo feminista [...] Mas quando explico as idéias que defendo, a maioria das mulheres descobre que pensa igual” (CLAUDIA, mar. 2009: 54).

Vê-se, então, que o imaginário nem sempre encontra base na realidade. O próprio léxico cor-de-rosa é atribuído à feminilidade, à delicadeza, à fragilidade. Os homens só incorporaram essa cor em suas indumentárias na primeira década do século XXI, pois os sentidos atribuídos à cor rosa “não combinavam” com o imaginário social que se fazia deles.

Ao passar para o quarto ponto, percebe-se um dos dilemas da mulher brasileira, o acúmulo de tarefas fora e dentro de casa. Ser inserida no mercado de trabalho não basta, é preciso ser auxiliada nos trabalhos domésticos, dividindo com o cônjuge as responsabilidades do lar. Não é à toa que a mídia, a toda hora, prega essa função multimulher. Seria uma forma de conscientizar a sociedade de que sobraram papéis demais para a mulher ou seria para convencer as mulheres de que elas são capazes de fazer todo o trabalho porque são “super”?

Na matéria discursiva da revista *Claudia*, se ressalta que não devemos ser “as únicas responsáveis pelas tarefas de casa” e que é necessária a igualdade de condições entre homem/mulher no lar, onde cada um deve questionar qual o seu papel, como deve atuar. Mais uma vez, direciona-se um olhar para o movimento feminista, enxergando, por meio de sua atuação, a importância de continuar na luta.

Na matéria analisada, aparece um contraponto às “mentiras” pregadas sobre o feminismo, é um ponto que fala sobre o que seria a “verdade”. “O feminismo levanta a bandeira daquilo que a sociedade não quer falar

e produz transformações”, ou seja, o feminismo trabalha com tudo que está às margens, não silencia, faz-se ouvir para poder transformar. Trata de temas marginalizados pela família, pela igreja, pela sociedade, como a homossexualidade, o aborto, os direitos reprodutivos e tantos outros temas que já ganharam novos conceitos pela população. As transformações ocorrem de forma diferenciada entre um país e outro, pois tudo depende da cultura, do governo, do apoio vindo de quem está do lado do poder. Essa é a verdade pregada por esse veículo de informação que é a revista *Claudia*. Mas o que é a verdade, afinal? É possível chegar à verdade? Para Foucault (2008) não há a verdade propriamente dita, há, sim, os efeitos de verdade que são produzidos.

Foucault ressalta que “somos obrigados ou condenados a confessar a verdade ou a encontrá-la” (2008: 180). A verdade pode ser encontrada no discurso materializado na revista? Há uma tentativa de verdade nos dizeres dessa matéria e há uma relação de poder que permite ao enunciador criar essa verdade, reproduzindo-a e divulgando-a. Para Foucault, é preciso “ver historicamente como se produzem efeitos de verdade no interior de discursos que não são em si nem verdadeiros nem falsos” (2008: 07). Isso tudo depende da posição assumida pelo sujeito que enuncia, que interpela.

Dessa forma, pode-se dizer que a crença naquilo que alguém acha ser verdadeiro “surge da subjetividade do sujeito em sua relação com o mundo, criando uma adesão ao que pode ser julgado verdadeiro pelo fato de que é compartilhável com outras pessoas, e se inscreve nas normas de reconhecimento do mundo” (CHARAUDEAU, 2006: 49).

Em meio às verdades que circundam o movimento feminista, com certeza está a defesa das mulheres e de seus direitos. Esse acontecimento, o Movimento Feminista, tornou-se tão marcante que ganha cada vez mais adeptos, os quais não se cansam de ir à luta pelo que acreditam. Foram muitos movimentos que se seguiram e que foram nomeados de acordo com os objetivos a serem alcançados no campo de guerra, como a Marcha das Mulheres,² a Marcha das Margaridas,³ entre outros; além disso o mo-

² A Marcha Mundial das Mulheres surge no ano 2000 e luta contra a pobreza e a violência sexista, além de defender temas como legalização do aborto e melhores salários. Esse movimento envolve mulheres de vários países e se mobiliza principalmente a partir de 8 de março, seguindo em sua caminhada. No ano de 2010, a Marcha seguiu de 8 a 18 de março.

³ A Marcha das Margaridas é um movimento que, em adesão à Marcha Mundial das mulheres, luta contra a pobreza e a violência. O movimento recebeu esse nome em homenagem a

vimento feminista se articula com outros movimentos que possuem metas e objetivos afins, fortalecendo-se, então, em seus enfrentamentos.

Segundo Foucault, “há todo um escalonamento de tipos de acontecimentos diferentes que não têm o mesmo alcance, a mesma amplitude cronológica, nem a mesma capacidade de produzir efeitos” (2008: 05). Por tudo isso, se diz que o Movimento Feminista foi/é o acontecimento que marca e que transforma as vidas das mulheres, mas não só as das mulheres, como também as dos homens. É um acontecimento que se liga, se engendra a outros acontecimentos (primeiro voto feminino, lei da licença maternidade, lei Maria da Penha, entre outros) e que produz efeitos, transformando, modificando os sujeitos, os gêneros sociais.

Considerações finais

Com os movimentos feministas que se fortificam no século XX, as mulheres começam a adquirir o direito à palavra pública. Está rompido o silêncio. Na década de 1970, os acontecimentos são muitos, entre eles a redescoberta da família. Incidentalmente, nessa época, a mulher tomava a posição de sujeito. A partir de então, marcam mais fortemente sua presença em todos os campos, principalmente no intelectual. Nasce o desejo de uma nova história, de um novo retrato feminino, de novas identidades.

Para Bauman (2007), isso se dá porque vivemos em tempos líquidos, em que tudo se desfaz, tudo dura pouco, nada é eterno. Não há solidificação dos comportamentos, os quais passam por rápidas e constantes modificações nas sociedades contemporâneas. E tudo isso é lembrado constantemente pela mídia.

Junto a essas mudanças, a mídia, seja televisiva, seja digital ou impressa, assume um papel essencial: o da representação desses novos sujeitos. Na mídia, mostra-se uma mulher inteligente, independente, decidida, sedutora. Mudam os discursos da mulher e muda a discursivização sobre a mulher. E em meio aos discursos que são repetidos, retomados, estão os discursos sobre os movimentos de resistência, como o Movimento Feminista, o qual fez/faz parte das mudanças ocorridas. No entanto, para fortalecer um movimento como esse, muitas mulheres foram colocadas à margem – mais ainda do que antes –, foram incompreendidas pela sociedade em geral e foram injustiçadas. Mas foi a força que cada uma delas – derrotadas ou vencedoras – demonstrou ter, em seus enfrentamentos, que

Margarida Maria Alves, assassinada por latifundiários, em 1983, por abraçar a luta pelos direitos das trabalhadoras do campo, pela reforma agrária e contra a violência no campo.

fortaleceu esse movimento de resistência, levando-o a ser o acontecimento que provocaria uma (des)ordem no discurso e que mudaria a história de todas nós. Deleuze coloca que Espinoza já dizia: “não se sabe do que um corpo humano é capaz, quando se liberta das disciplinas do homem. E Foucault: não se sabe do que o homem é capaz ‘enquanto ser vivo’, como conjunto de ‘forças que resistem’” (2006:100).

Porém, observando a matéria aqui analisada, percebe-se o quanto falta ainda para que a mulher consiga um lugar confortável no espaço público, no espaço social, pois é preciso que se compreenda que a mulher, necessariamente, não precisa acumular todos os papéis a ela designados e que é com a divisão de tarefas com o homem que a relação entre os gêneros finalmente poderá sinalizar uma tentativa de paz e de conciliação de tarefas nos espaços público e privado.

Referências Bibliográficas

ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos Ideológicos de Estado*. 9 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2003.

AUTHIER-REVUZ, J. *Hétérogénéité Montréal et Hétérogénéité Constitutive: elements pour une approche de l'autre dans le discours*. Paris: DRLAV: 1982. p. 91-151.

BAUMAN, Zygmunt. *Tempos Líquidos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das Mídias*. São Paulo: Contexto, 2006.

DELEUZE, Gilles. *Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 2006.

FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*. 13 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2006. (Coleção Leituras Filosóficas).

_____. *Arqueologia do Saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

_____. *Microfísica do Poder*. 25 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2008. (Coleção Leituras Filosóficas).

GREGOLIN, Maria do Rosário V. *Foucault e Pêcheux na Análise do Discurso: diálogos e duelos*. São Carlos: ClaraLuz, 2004.

GUILHAUMOU, Jacques. *Linguística e História: percursos analíticos de acontecimentos discursivos*. São Carlos: Pedro e João Editores, 2009.

ORLANDI, Eni. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. 6 ed. Campinas/SP: Pontes, 2005.

PAULINA, Iraci; BARROS, Lúcia. Hello, esta conversa é com você! *Revista Claudia*, n. 3, ano 48, Editora Abril, março de 2009.

POSSENTI, Sírio. Análise do Discurso e Acontecimento: breve análise de um caso. In: NAVARRO, Pedro (Org.). *Estudos do Texto e do Discurso: mapeando conceitos e métodos*. São Carlos: Claraluz, 2006. p. 93-108.

WIKIPEDIA. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Feminismo>>. Acesso em: 3 mar. 2011.

Recebido em fevereiro 2012

Aceito em maio 2012